

PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO CRAS NO CENTRO COMUNITÁRIO GERMANO MIOTTO COM CRIANÇAS

SANTOS, Andryele; HOIER, Eunice; SANTOS, Joana Maria dos; NUNES, Mariana Barreto da Cruz; GERMANO, Taina; Discentes do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC.

AGUIAR, Giancarlo; Psicólogo, Docente do Curso de Graduação de Psicologia da UNOESC. Doutor em Filosofia da Cultura (FLUL), Pós-doutorado em Psicologia Socioambiental (IP.USP).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar as impressões e reflexões construídas a partir da observação não-participante, no Centro Comunitário Germano Miotto, no bairro Água Verde, em Videira/SC, filiado ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), onde o orientador Hygor Phelippe Dal Moro Alves tendo o acompanhamento da psicóloga Thais Hepp, realiza atividades lúdicas num grupo com crianças de 6 a 12 anos em situação de vulnerabilidade social no período vespertino.

1 INTRODUÇÃO

No segundo semestre do curso de Psicologia, os alunos realizaram uma prática de observação através do componente curricular Prática Profissional e Inserção Comunitária II, ministrado pelo Prof. Dr. Giancarlo de Aguiar. Por meio da observação direta. A postura dos observadores foi guiada por princípios éticos fundamentais como o sigilo, respeito e a empatia.

A metodologia do presente trabalho dá-se através de observação não-participante e qualitativo, tendo anotações e registros fotográficos (com o rosto das crianças sendo preservado) conforme lembra Angrosino (2009, 30),

“A etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”.

2 DESENVOLVIMENTO

Segundo DANNA, "O tipo de definição a ser utilizado depende do objetivo do estudo observacional." Sendo assim, a observação seguirá critérios morfológicos e funcionais. Dessa forma, ao chegar, observa-se espaços de academia comunitária e parque para crianças, na disposição espacial identifica-se um amplo ambiente de interação onde a sala principal possui mesas branca de plástico com cadeiras de mesmo material utilizadas para acomodar o grupo infantil. Na parede, há trabalhos com flores produzidos anteriormente. Há uma mesa escolar utilizada pelo orientador para trabalhos, que posteriormente também foi usada para servir o lanche. No espaço há também duas salas que estavam trancadas, dois banheiros (masculino e feminino), uma cozinha e uma lavanderia.

O encontro foi conduzido pelo orientador Hygor Phelippe Dal Moro Alves, com a participação de nove crianças:

- Meninos: E. (12 anos), E. K. (11 anos) e C. (11 anos).
- Meninas: P. (11 anos), Iz. (13 anos), G. (13 anos), K. (12 anos), Is. (6 anos) e Em. (10 anos).

O orientador conduziu a atividade do dia, distribuindo folhas, lápis e canetões e plaquinhas em E.V.A nas cores verde e vermelho, instruindo sobre o desenvolvimento da tarefa e coordenando a dinâmica de interação. A proposta central foi “Uso do Celular e de Redes Sociais com Foco no TikTok e Instagram”. Durante a execução, foram realizadas primeiramente, perguntas pelo orientador o qual as crianças teriam que responder concordando ou não, usando para tal as plaquinhas que foram entregues a cada uma.

Nota-se que o orientador pediu as crianças para se acomodarem, orientou sobre a dinâmica, distribuiu atividades impressas e lápis, organizou os materiais no centro das mesas, acompanhou individualmente a execução das tarefas, oferecendo suporte quando solicitado, coordenou atividades de leitura de frases e discussão em grupo sobre temas propostos, ao final das

atividades, recolheu e armazenou os materiais utilizados, organizou a sala e distribuiu o lanche.

Entre perguntas e respostas, observa-se que muitas crianças interagem entre si de modo paralelo e alheio ao que está sendo proposto, o que dificulta a comunicação com o orientador. Nota-se que há um padrão de interação entre as meninas K., Iz., e G., em especial demonstrando comportamento agitado e pouco interesse na atividade proposta que se encerra em seguida, partindo então para o segundo momento da tarde. Hygor distribui folhas A4 individualmente e pede as crianças que imaginem um perfil de Instagram perfeito. Eles devem então desenhar, todos os detalhes típicos do referido perfil: nome, bio, destaques, posts.

Assim, as crianças realizaram movimentos de escrita, desenho e leitura de frases propostas, além de interações sociais entre si. Algumas crianças participaram de brincadeiras externas, enquanto outras permaneceram em atividades individuais ou em observação. Ao término, houve um aconselhamento sobre o cuidado com a exposição e a importância da privacidade nessa rede social. O orientador recolheu os materiais, organizou o espaço e distribuiu o lanche que é feito pelas cozinheiras do CRAS, sendo servido no dia suco de uva, salgados assados de sabores variados e salada de frutas. Após terminarem de lanchar, o encontro foi encerrado e as crianças orientadas a irem para casa. Algumas foram, outras permaneceram no parquinho em frente a entrada do centro, brincando e conversando.

3 ENTREVISTA

3.1- Qual é o seu papel como orientador dentro do CRAS no atendimento a criança?

R: "É trabalhar questões que possam contribuir para o desenvolvimento delas além do que é ensinado na escola. Muitas vezes, essas crianças vivem em situações de vulnerabilidade social, enfrentando dificuldades como a falta de acesso a oportunidades, problemas familiares e, em alguns casos, até o envolvimento com drogas. Dentro desse contexto, o nosso trabalho é mostrar que existem outros caminhos possíveis, estimulando o aprendizado de

temas que normalmente não são abordados no ambiente escolar. Assim, conseguimos alcançar resultados mais significativos e fortalecer o vínculo com a comunidade."

3.2- Como é o trabalho em parceria com assistentes sociais, pedagogos e outros profissionais?

R: Considero essencial estabelecer parcerias com outros profissionais, que possam contribuir para o desenvolvimento integral das crianças. Seria muito interessante se pudéssemos ampliar esse trabalho, porque muitas vezes o foco acaba sendo apenas nas questões de aprendizagem.

Aqui no município, por exemplo, ainda há pouca integração entre os profissionais, mas percebo o quanto isso seria importante.

3.3- De que forma o orientador contribui para a proteção social básica das crianças?

R: "Se a criança não está indo à escola, a gente precisa conversar com a família, orientar, explicar a importância da frequência escolar e lembrar que isso é um direito garantido. Às vezes, a família não entende, e cabe a nós fazermos esse trabalho de conscientização.

Quando uma situação assim acontece, o orientador atua promovendo esse direito: vai até a família, conversa, orienta e reforça a necessidade de a criança voltar à escola — até para evitar que o caso chegue a instâncias como o Ministério Público. Esse tipo de acompanhamento é um chamado de apoio, que pode evoluir para outras fases de atendimento.

A partir daí, o caso pode sair da proteção social básica e ir para a proteção especial, dependendo da gravidade. É como uma pirâmide: começamos na base, com o atendimento mais simples, e, conforme a complexidade aumenta, o acompanhamento também muda.

Eu, como orientador social, trabalho diretamente com essas situações. Por exemplo, quando atuo em parceria com o hospital ou com a escola, reforço a importância da educação e da saúde. Converso com as famílias, passo orientações e tento fortalecer os vínculos.

O desafio é que, muitas vezes, as famílias não têm obrigatoriedade de comparecer ao CRAS. Elas não são obrigadas a vir, então o nosso papel é buscar esse contato, mostrar a importância do serviço e garantir, dentro do possível, o direito delas. Esse é o papel do orientador: ser o elo entre o direito e o acesso a ele."

3.4- Quais estratégias utiliza para criar vínculo com crianças em situação de vulnerabilidade?

R: "São obrigatórias algumas atividades, e a primeira coisa que eles sempre gostam é do lanche. Realmente, eles adoram! A gente também faz alguns passeios com eles — tem aqui uma vizinha que sempre ajuda, e no fim do ano fazemos um passeio para as piscinas. As crianças ficam o ano inteiro pedindo para ir, porque são experiências que elas não têm oportunidade de viver em casa. Esses momentos ajudam muito na criação de vínculo, que é uma das coisas mais importantes.

Muitos deles vêm aqui justamente por causa desse vínculo. Alguns são muito educados, outros precisam de mais atenção, mas o vínculo é essencial. A gente precisa observar e mostrar a eles que são importantes, que fazem parte de algo, senão nada funciona. Para criar vínculo com criança, é preciso conhecer o universo delas. Não dá pra conversar com criança sem entrar no mundo dela, sem se conectar verdadeiramente com o que ela vive."

3.5- Como lida com situações de violência doméstica ou negligência infantil identificadas durante o atendimento?

R: Explicamos a elas o que é a violência, como isso pode acontecer e o que fazer se acontecer. Já aconteceu de algumas alunas minhas me contarem que passaram por algo assim, e aí a gente conversa. Muitas vezes a criança nem entende direito o que está acontecendo, ou não sabe como contar.

Quando isso acontece, seguimos um protocolo do município: coletamos os dados da criança e encaminhamos para a escuta

especializada. Essa escuta é feita por um profissional preparado, que vai avaliar a situação e ouvir o relato da criança novamente — mas de forma acolhedora, sem que ela precise repetir a história várias vezes para diferentes pessoas.

3.6- De que forma as atividades lúdicas, brincadeiras, desenhos, e jogos ajudam no processo de escuta psicológica?

R: “A ludicidade permite que a criança se expresse, muitas vezes revelando aspectos da sua realidade através do brincar. Ela fala sobre sua vida, seus sentimentos e experiências de forma simbólica, e isso oferece pistas importantes sobre o que está acontecendo com ela.

3.7- Como avalia o impacto das oficinas e atividades coletivas na vida das crianças atendidas?

R: “Nas atividades coletivas realizadas com as crianças atendidas, é possível perceber que muitos problemas passam de geração em geração. Às vezes, situações vivenciadas pelos pais acabam se refletindo nos filhos.

Em alguns contextos, o trabalho não é apenas com a criança, mas também com a família. Percebo que as mudanças mais efetivas acontecem quando começamos esse processo desde a infância. Mudar o comportamento de um adulto é muito mais difícil, mas trabalhar com a criança permite construir novas formas de pensar e agir, criando um processo de transformação.

Por meio das oficinas e atividades, observamos o impacto positivo desse trabalho.

3.8- Quais são os maiores desafios em trabalhar com crianças no contexto do CRAS?

R: “É um pouco impactante, né? Porque a gente acaba escutando algumas coisas que eles trazem sobre eles, né? A gente tem que estar preparado com aquilo e preparada para tentar mostrar para eles o que eles viveram. Às vezes, o período de infância deles não é a realidade do mundo

ao redor, né? Tenho certeza de que esse módulo está sendo diferente para eles. Eu trago músicas diferentes para eles escutarem, porque só escutam trap e funk. Quero ver se muda um pouco a cabeça deles, esse eu acho que é um desafio — mais para fazê-los terem uma noção de que existem outras opções"

3.9- Que tipo de apoio ou recurso você sente falta para realizar melhor seu trabalho?

R: "Falta ajuda de mais profissionais... essa atividade, por exemplo — se tivesse sido feita com cinco pessoas, sentadas ali na mesinha, teria rendido muito mais. Porque assim dava para conversar melhor, se expressar, trocar ideia, e todo mundo participava de verdade.

3.10- O que considera mais gratificante no trabalho com crianças no CRAS?

R: "Nosso trabalho, cara, é muito divertido, sabe? E é muito legal ver isso no dia a dia. Outro dia até ouvi o pessoal comentando que eu sou um dos professores de quem eles mais gostam, e isso é muito gratificante. Às vezes, eles dizem que se sentem bem comigo, que gostam da forma como eu converso, e a gente acaba recebendo esse carinho de volta.

Mesmo que eu vá só uma vez por semana, por uma horinha, eles lembram, ficam felizes, porque gostam de ter esse contato. E isso, para mim, faz muita diferença. Só o fato de estar aqui, fazendo um trabalho com propósito, já é algo muito maior para mim. E ver o retorno deles, ver que faz diferença... isso não tem preço."

4. Conclusão

A observação, sem interação direta do grupo acadêmico da Universidade Unoesc, realizada no CRAS, no Centro Comunitário Germano Miotto, possibilitou compreender de forma prática e sensível os desafios e as possibilidades do trabalho socioeducativo com crianças em situação de vulnerabilidade social. A atuação de Hygor Phelippe Dal Moro Alves, sob supervisão da psicóloga Thais Hepp, evidenciou a importância do

acompanhamento próximo, da escuta ativa e do incentivo ao desenvolvimento integral.

As atividades mostraram como o CRAS contribui para o crescimento emocional, cognitivo e social das crianças, abordando temas como comportamento escolar, convivência em grupo e responsabilidade na sociedade. O projeto também oferece orientações educativas que ajudam na formação de valores e na preparação para o futuro, incluindo noções que servirão de base para a participação em concursos e a inserção no mercado de trabalho.

Além das atividades desenvolvidas no espaço, as crianças também participam de vivências externas, como passeios e eventos em datas comemorativas, que fortalecem a socialização, ampliam experiências e promovem momentos de lazer.

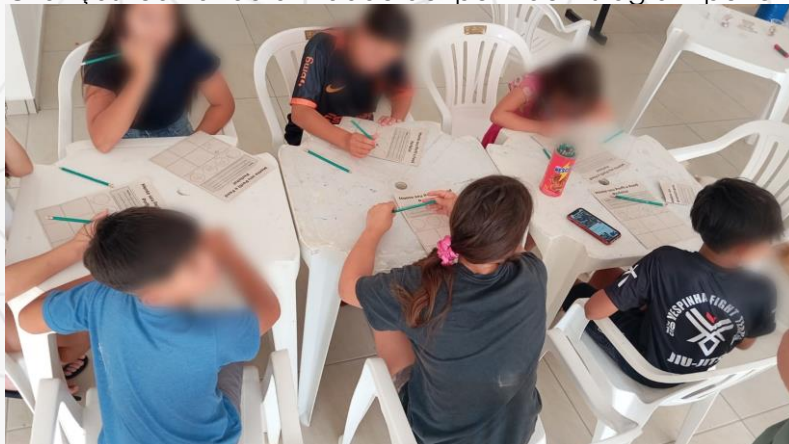
5 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e Observação Participante*. São Paulo: Artmed Editora, 2009.

Aprendendo a observar/ Marilda Fernandes Danna e Maria Amélia Mattos. -2.ed. - São Paulo : EDICON, 2011.

Imagens relacionadas

Crianças realizando atividade de "perfil de instagram perfeito"



Fonte: Arquivo das autoras

Questionário lúdico sobre o uso das redes sociais.



Fonte: Arquivo das autoras

Observa-se o grupo concentrado nas orientações sobre a atividade proposta



Fonte: Arquivo das autoras

Centro Comunitário Germano Miotto: fachada principal, nota-se academia pública e logo depois brinquedos interativos para crianças



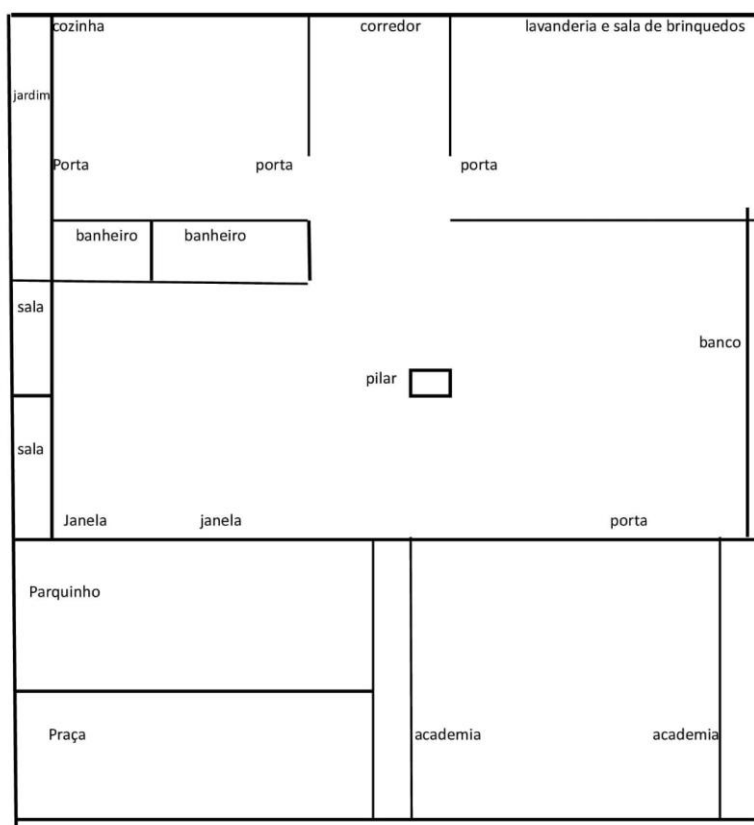
Fonte: Arquivo das autoras

Hygor (orientador do grupo de crianças) e discentes Andryele, Mariana, Joana, Eunice e Taina.



Fonte: Arquivo das autoras

Planta arquitetônica do Centro Comunitário Germano Miotto



Fonte: Taina Germano